



**JULIA BAUMANN CAMPOS**

**A infância na Colônia de Férias Kinderland: tecendo  
história, relato e memória**

**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

**Coordenação Central de Extensão  
Curso de Especialização em Educação Infantil:  
Perspectivas de Trabalho em Creches e Pré-Escolas**

Orientadora: Cristina Carvalho

Rio de Janeiro,  
Outubro de 2016



**JULIA BAUMANN CAMPOS**

**A infância na Colônia de Férias Kinderland: tecendo  
história, relato e memória**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Infantil.

Orientadora: Cristina Carvalho

**Coordenação Central de Extensão  
Curso de Especialização em Educação Infantil:  
Perspectivas de Trabalho em Creches e Pré-Escolas**

Rio de Janeiro,  
Outubro de 2016

## **Resumo**

O presente trabalho apresenta as práticas da Colônia de férias Kinderland e sua relação com uma infância ativa e dialógica, em que a criatividade, autonomia, coletividade e escuta são, na experiência da autora enquanto colonista, extremamente valorizados. A Kinderland é uma Colônia de férias judaica e localiza-se em um sítio no distrito de Sacra Família do Tinguá, município de Engenheiro Paulo de Frontin, no Estado do Rio de Janeiro. Ela oferece atividades durante o mês de janeiro, para crianças de, aproximadamente, oito a quatorze anos. Na monografia, são apresentadas contribuições teóricas de William Corsaro (2005, 2011), Martin Buber (2003) e Paulo Freire (1981) buscando refletir sobre o papel da criança na sociedade e a concepção de infância que é revelada na proposta da Kinderland que vai de encontro à ideia da criança como ator social e sujeito ativo, além da importância da relação dialógica nesse espaço. A história da Kinderland e a sua criação são abordadas mostrando a sua intensa relação com o período Pós-Segunda Guerra Mundial. O cotidiano e as práticas dessa colônia de férias são também relatados a partir da experiência da autora e suas recordações. Essa produção traz memórias em momentos de cuidado, interação, troca, convivência comunitária e ricas lembranças da infância nesse lugar. A monografia é apenas o ponto de partida de um estudo que terá continuidade na Dissertação de Mestrado, a qual será defendida até março de 2018, onde a autora dará visibilidade às narrativas das crianças que frequentam a Kinderland atualmente e dos adultos que já frequentaram. Portanto, será possível conhecer diferentes perspectivas, perceber as possíveis ambiguidades e compreender se essa experiência está, para outras pessoas, de acordo com a proposta dialógica da Colônia. Continuaremos tecendo essa história através das narrativas de outros participantes que estiveram/estão presentes na constituição da Kinderland.

**Palavras chave:** Infância, Diálogo, Participação ativa, Coletividade, Kinderland

## Sumário

|  |    |
|--|----|
| Introdução .....   | 04 |
| 1. As contribuições de Corsaro, Buber e Freire .....                 | 09 |
| 1.1 A criança como ator social em William Corsaro .....              | 09 |
| 1.2 Filosofia do diálogo: reflexões de Martin Buber .....            | 11 |
| 1.3 A educação problematizadora em Paulo Freire .....                | 13 |
| 2. A Colônia de férias Kinderland .....                              | 15 |
| 2.1 Breve história da Kinderland .....                               | 15 |
| 2.2 A rotina na Colônia, sua estrutura e as relações existentes ---- | 18 |
| 3. Memórias de uma colonista... ..                                   | 26 |
| 3.1 Caixinha de memórias .....                                       | 26 |
| 3.2 Lembranças narradas .....  | 28 |
| 4. Considerações finais .....  | 35 |
| 5. Referências bibliográficas .....                                  | 39 |

## Introdução

Um espaço muito presente na minha vida, inclusive até hoje, e onde pude vivenciar momentos de interação, autonomia, troca, aprendizado e partilha foi a Colônia de férias Kinderland. Ela acontece durante todo o mês de janeiro, em duas temporadas: uma turma é destinada às crianças que estão entre o terceiro e sexto ano do Ensino Fundamental – entre oito e onze anos; e a outra turma para os que estão entre os sétimos e nonos anos – entre doze e quatorze anos, em um sítio localizado no distrito de Sacra Família do Tinguá, município de Engenheiro Paulo de Frontin, no Estado do Rio de Janeiro. O ano de 1999 marcou meu início de história nessa Colônia que em 2012 completou 60 anos. É um espaço que valoriza a educação não formal, a formação do pensamento ético e da autonomia, além de primar pelo processo de humanização e socialização do indivíduo, a formação da consciência coletiva, o estímulo ao relacionamento interpessoal solidário e o desenvolvimento do pensamento criativo.

Esses princípios são transmitidos às crianças através de atividades lúdicas e das relações entre os presentes naquele espaço. A brincadeira e a coletividade são extremamente valorizadas e as crianças tomadas como protagonistas. A Colônia é um espaço que valoriza a autonomia e os desejos das crianças e isso marca uma dimensão do cuidado na história da Kinderland.

Após vivenciar experiências na qualidade de colonista durante o período de 1999 até 2006, a partir de 2008, pela primeira vez, eu estava do outro lado, na condição de monitora trabalhando com a equipe e organizando a temporada de janeiro. Dedicamo-nos arduamente para oferecer um conjunto de atividades que tornem a passagem das crianças algo de incrível, como àquelas que passamos como colonistas.

Esse movimento de mudança de lugares e trocas de papéis, a saber, de colonista à prática de monitoria, é repleto de estranhamentos que movimentam ainda mais essa relação equipe-colonista e faz com que cada um se interesse mais ainda pela prática. A sensibilidade é um dos elementos principais dessa viagem. Deste modo, cada vez cresce ainda

mais o número de jovens que querem se juntar para participar voluntariamente da monitoria e passar uma temporada criando espaço e formas de trabalho dirigidas às crianças. Esses voluntários se tornam educadores e aprendizes, pois os protagonistas da Colônia ensinam continuamente a sua cultura infantil e o seu olhar minucioso e, é ouvindo e estando com eles que conseguimos ser capazes de construir relações cada vez mais afetivas naquele lugar.

De 2008 até 2015 fiquei nesse espaço ativo de construção e planejamento nas funções de monitora, auxiliar e coordenadora. Além disso, continuo participando desde 2012 dos trabalhos da Comissão Pedagógica (CP) durante o ano. O espaço da CP é aberto para quem quiser se juntar aos amantes da Colônia que pensam, repensam, debatem e refletem acerca da proposta da Kinderland, e organizam as equipes de trabalho para as temporadas. Posso afirmar que ninguém sozinho faz a Colônia, ela é feita de forma coletiva. É lá, no encontro entre colonistas, monitores, coordenadores, instrutores, funcionários, todos da equipe, e é claro nos locais e nos territórios daquele Sítio, que se constrói uma potente e linda Colônia. É uma rede que se forma nesses dias, que vamos tecendo pouco a pouco, atravessados por tantas forças e energias produzidas por aquele lugar e por um grupo de pessoas que tornam a rede extensa. Uma rede perpassada por afetos, experimentações lúdicas, práticas, reflexões, pelo tempo. Tempo denso que cada um de nós - crianças, jovens e adultos - leva consigo como experiência para a vida.

Além das temporadas de janeiro, a partir de 2014 foi criada a Mini Kinderland, uma temporada de três dias, no segundo semestre do ano, para crianças que estão entre o segundo e quarto anos do ensino Fundamental (entre sete e dez anos). Essa temporada foi pensada como a mais nova tradição de Colônia com o objetivo de receber as crianças menores para um primeiro contato com o espaço, estrutura, atividades e funcionamento da Kinderland. Muitas crianças se assustam com a quantidade de dias das temporadas de janeiro e, por isso, a Mini Kinderland é uma opção para crianças que estão iniciando seu percurso na Colônia. Ao final dessa viagem, muitos colonistas, após conhecer o espaço, se

sentem mais seguros e confiantes para a viagem na temporada de janeiro da turma mais nova.

A Mini Kinderland tem sido bem avaliada pelos colonistas, pais e Comissão Pedagógica, pois alguns colonistas vindos da Mini já chegam à turma de janeiro com maior segurança e confiança por conta da experiência anterior. Além dos colonistas de primeira viagem, a Mini Kinderland também tem sido lugar para colonistas que já vão com maior segurança na Colônia mais extensa, mas não querem perder a oportunidade de voltar por mais alguns dias para a Kinderland em outra época do ano.

Enfim, a Colônia me trouxe um intenso contato com crianças. Estar entre elas proporciona algo leve, minucioso, um cuidado com tudo. Escrever sobre o que é ser criança na Kinderland e sobre as relações criança-criança e criança-adulto que ocorrem nesse espaço tão potente aciona a minha sensibilidade e traz junto com essa produção memórias fortes, emoções e recordações intensas desse lugar. Há alguns anos tenho me referido à Colônia como um espaço que possui outro tempo, diferente do tempo cronológico do relógio e corrido dos dias da cidade do Rio de Janeiro. É um tempo ambíguo, de calma e intensidade, tranquilidade e potência, um tempo de fortes emoções, onde tudo que sentimos parece tomar proporções maiores. Talvez por estarmos em contato direto com a natureza, talvez por estarmos sem o contato da tecnologia acelerada da atualidade. Lá, a comunicação é feita de forma presente, olho no olho, no toque, no sorriso ou até nas lágrimas. As relações são inteiras, nada fragmentadas e esvaziadas, pelo contrário, são completamente preenchidas de afetos, de tudo que pulsa e que faz de nós seres, de fato, humanos.

Apesar de ser uma Colônia de férias para crianças mais velhas, se compararmos à idade das crianças da Educação Infantil, o meu percurso na Kinderland tem intensa relação com o Curso da Especialização em Educação Infantil da PUC-Rio. Foi na Colônia que comecei a ter o contato e convívio com crianças e a gostar dessa relação, a me interessar pelo trabalho e me sensibilizar por essa relação. Foi a partir dessas vivências na Colônia que optei, durante a faculdade de Psicologia, pelos meus estágios em Educação ou mesmo alguns não sendo nesta área visavam

sempre o contato com crianças, como por exemplo, na Pediatria de um hospital e nos atendimentos na clínica.

Fui, aos poucos, me encaminhando para o campo da Educação Infantil e me identificando mais com essa área. Meu último estágio durante a graduação foi em uma creche universitária, lugar que mergulhei de cabeça no cotidiano desse campo e vi a potência do trabalho. Saindo da graduação, procurei o Curso da Especialização na PUC, muito pelas indicações de coordenadoras dessa creche na qual estagiei. Todas essas relações atravessam a minha história na Kinderland: comecei a ser uma educadora e a atuar na área da Educação naquele espaço como integrante da equipe de trabalho.

Durante os caminhos percorridos na Especialização me reinventei como educadora, fui capturada por novas reflexões, (re)pensei as práticas realizadas no universo da Educação Infantil e na relação com as crianças. No curso, me transformei ao longo do tempo, entrei em contato com diversas vivências, com inquietações internas e com novas ideias. Criei um novo corpo, uma nova maneira de sentir, de me surpreender e de me questionar sobre as certezas absolutas do cotidiano. O curso provocou em mim abertura e contribuiu muito para esse nosso constante processo de formação que nos reinventa e nos reconecta a cada nova relação. Tenho certeza que os aprendizados e reflexões trazidos pelo curso contribuirão muito para as minhas práticas na Kinderland, principalmente na relação com as crianças.

Na segunda parte da monografia apresentarei as contribuições teóricas da área da Educação buscando refletir sobre o papel da criança na sociedade e a concepção de infância que está em jogo na proposta da Colônia. Trago como companheiros dessa jornada as reflexões de William Corsaro (2005, 2011), Martin Buber (2003) e Paulo Freire (1981). Relaciono o projeto da Kinderland às teorias desses autores, à educação dialógica, problematizadora e responsável em um espaço que oferece práticas que revelam uma criança ativa, competente e capaz de produzir cultura.

Na terceira parte dessa produção, discorro sobre a Colônia de férias Kinderland e a sua história. Apresento a Associação Feminina Israelita Brasileira (AFIB), que criou a Kinderland após um momento de muita



desumanidade e tristeza. Além disso, descrevo nesse capítulo o espaço da Colônia, o seu cotidiano, suas atividades e práticas.

Em seguida, trago as minhas memórias referentes a esse lugar. Após apresentar alguns autores e a relação de suas teorias com a proposta da Kinderland, escrevo sobre a minha experiência, lembranças, recordações e vivência como colonista. Assim, é possível que o leitor viva junto e tente compreender essa experiência humana e intensa que é a Kinderland.

## 1.

### **As Contribuições de Corsaro, Buber e Freire**

Escrever sobre a Colônia de férias Kinderland é escrever sobre Educação. As interações entre os sujeitos nesse espaço e suas práticas revelam uma relação dialógica. Autonomia, respeito, escuta, abertura, valorização das opiniões dos envolvidos nesse processo, aprendizado, e a partilha de conhecimento estão presentes na Kinderland. Sobre essas práticas e o cotidiano da Colônia relatarei no próximo capítulo. Abordarei aqui as contribuições teóricas que se aproximam da proposta da Colônia: a sociologia da infância e os pensamentos de William Corsaro (2005, 2011), a filosofia do diálogo de Martin Buber (2003) e a educação crítica de Paulo Freire (1981).

#### **1.1 A criança como ator social em William Corsaro**

Busco na Sociologia da Infância, mais especificamente nas reflexões desenvolvidas por Corsaro (2005, 2011), o papel social da criança, compreendida como um ator social, sujeito pleno, competente, participante, que tem um papel ativo nas relações sociais. É a partir dessas relações que as crianças têm com o mundo que vão se reinventando, se apropriando do novo e conhecendo.

A Sociologia da Infância surge através da insatisfação a respeito da invisibilidade da infância nos estudos sociais. A criança e suas relações não se configuravam como foco de pesquisas, apenas apareciam por conta de estudos mais amplos como, por exemplo, pesquisas sobre escolas ou famílias. Através da Sociologia da Infância e de muitos autores, a criança começa a ser vista como ator social, histórico, de direitos, como um ser de relação que traz mudanças no grupo em que se insere. Essa área busca conhecer a criança na relação, como participante social e não como sujeito passivo, e acredita que a infância é um produto e construção social.

A criança traz inovação e criação na sua participação na sociedade, produz cultura, e nas suas interações aperfeiçoa e amplia seus

conhecimentos e competências culturais em desenvolvimento (Corsaro, 2011). O autor destaca que a socialização é um processo de apropriação, reprodução e reinvenção e, portanto, é tão importante a atividade coletiva e conjunta. A reprodução interpretativa de Corsaro (2011) se relaciona a essa ideia da apropriação criativa, das crianças como produtoras e reprodutoras de cultura, se apropriando e interpretando as relações às quais participam. Corsaro (2011) discorre sobre a potência criativa da criança na sua relação com o mundo, em que ela produz cultura possuindo uma forma própria de entender o seu entorno, de se expressar e de participar, tendo a sua própria história e diferenciando-se, assim, do mundo a sua volta. O termo reprodução abarca a ideia de que as crianças não apenas internalizam a cultura e a sociedade, mas também são ativas e contribuem para as mudanças e produções culturais, tornam-se parte da cultura. “Essa visão da infância considera a importância do coletivo, como as crianças negociam, compartilham, e criam culturas com os adultos e com os seus pares” (CORSARO, 2011, p. 30)

A cultura de pares, segundo Corsaro (2005), é um conjunto de atividades e valores que as crianças produzem juntas, entre elas, e compartilham nos momentos de interação com os seus pares, isto é, com outras crianças. Assim, as crianças vão criando a sua própria cultura, baseada na estrutura da cultura adulta, tendo, porém, sua própria maneira de entender, agir e refletir sobre o mundo.

Portanto, nesses momentos de partilha em que as crianças estão em atividades coletivas interagindo, elas compartilham, negociam e criam cultura tanto com seus pares, disseminando conhecimento em conjunto de outras crianças, quanto com os jovens e adultos. Através do desenvolvimento da linguagem e da comunicação, a criança vai construindo com outros os seus mundos sociais. Nessa perspectiva, é possível compreender a grande importância dada à troca de experiências, às interações e ao contato com o que é diferente na Kinderland. Além disso, a partilha, as negociações e os debates contribuem para esse diálogo e essas relações vivenciais, já que a criança tem a potência de provocar mudanças: é um ser competente e está inserido ativamente na sociedade (Kramer, 1999).

## 1.2 Filosofia do diálogo: reflexões de Buber

*“Educar significa a possibilidade de conduzir o educando a mudanças na sua relação com o outro, com o mundo, levando-o a pronunciar a palavra TU, que significa formar para uma existência autêntica”. (SANTIAGO, 2006, p.9)*

Buber (2003) afirma que só é possível compreender o homem na relação com o outro. O autor discorre sobre as chamadas atitudes princípios – maneiras do homem de se relacionar com o mundo – além do sentido do humano. Essas atitudes princípios são o Eu-Tu e o Eu-Isso. O primeiro consiste no encontro, no diálogo, na presença e na totalidade. O segundo consiste na objetividade, na atitude de utilização, em uma relação superficial em que o mundo é objeto de uso. Para o autor, o EU só existe com um TU na medida em que o aceita em sua totalidade, em sua inteireza, de forma que ele se torne presença para mim.

Para Buber (2003), o diálogo constitui o ser humano e essa relação Eu-Tu reflete a atitude do encontro com o outro na reciprocidade, isto é, o encontro é uma relação e só ocorre quando há uma relação viva entre indivíduos, quando há o reconhecimento mútuo, de si e do outro onde esse outro se torna presença, onde o reconhecimento do outro ocorre em toda a sua alteridade. O que conduz a dizer TU é a necessidade dos homens de estabelecerem vínculos. Segundo o autor, a relação com o outro faz parte do sentido humano. Entretanto, Buber (2003) afirma que a relação Eu-Isso é necessária ao homem, porém se torna prejudicial quando essa atitude se apresenta como a principal e mais presente do que a relação Eu-Tu.

Na atitude Eu-Tu, além da presença, é necessário ver, escutar, sentir, perceber, vincular-se, acolher, disponibilizar, ou seja, se relacionar de corpo inteiro com o outro. A capacidade de relação é a marca distintiva do homem - este é o ser da relação e é só na relação que o “eu” se torna real. O homem tem a capacidade de responder de forma responsável diante de seu mundo, e isso o torna mais humano, mais próximo do outro. Para o autor, educação é uma relação que exige abertura e requer confiança, não é um ato impositivo. A liberdade é o seu ponto de partida, é

o momento da possibilidade de existir vínculos na educação, de estar engajado na relação com o outro.

Segundo Pena (2014), Buber aposta na educação como ponto de partida para a revolução que deveria acontecer dentro de cada indivíduo. A finalidade de toda ação educativa é a formação humana, que pressupõe a relação dialógica e que deve acontecer no local onde se está, na prática e não somente na teoria.

Pena (2014) aponta, ainda, para o fato da filosofia de Buber situar a educação como responsabilidade com o mundo em que vivemos, como responsabilidade com o outro, existindo apenas responsabilidade quando há o responder verdadeiro frente aos acontecimentos cotidianos. É preciso reconhecer o outro como um outro que é diferente de si e diante deste reconhecimento é necessário dirigir ao outro uma resposta que atenda a sua necessidade. Assim se constitui uma vida dialógica, respondendo à presença do outro. “O movimento básico da vida dialógica consiste no voltar-se para o outro, percebê-lo e aceita-lo na sua inteireza, se libertar da indiferença” (KRAMER ET AL., 2016, p.138).

Compreendo que a proposta da Kinderland vai ao encontro da vida dialógica abordada por Buber. No cotidiano da Colônia, o colonista é visto como sujeito reconhecido e como presença. A relação entre equipe e colonistas envolve disponibilidade, vínculo, afeto, escuta e acolhimento. Há reciprocidade, responsabilidade com o colonista, entrega na relação e educação com a finalidade da formação humana. Segundo o autor, se não há esse reconhecimento, não há a responsabilidade com o mundo e com o outro, não há a possibilidade de se relacionar de maneira Eu-Tu e isso rompe a possibilidade humana de diálogo. “A relação Eu-Tu se vincula à presença e possibilita visibilidade das crianças – desafio das instituições educacionais -, onde, muitas vezes, elas se tornam invisíveis.” (KRAMER ET AL., 2016, p.138).

Assim como Buber, Paulo Freire (1981) também escreve sobre a temática da relação, discorre sobre a formação humana, sobre a educação libertária visando à transformação do mundo, a responsabilidade, a humanização a qual ocorre por meio da educação dialógica.

### 1.3 Educação problematizadora em Paulo Freire

Freire (1981) reflete acerca de uma educação problematizadora, como um ato político que tem o diálogo como instrumento. O autor afirma que é por meio do diálogo que há a transformação do mundo, que é com palavras verdadeiras, autênticas que poderá existir uma educação crítica, com base na confiança e na construção coletiva. O diálogo deve envolver ação e reflexão, isto é, práxis. Para Freire (1981), a palavra que não abarca essas duas dimensões, em que não há encontro do refletir com o agir, é considerada palavra inautêntica, alienante, sem compromisso com a transformação e humanização do mundo e, dessa forma, caminha em direção oposta ao diálogo.

Para o autor, o compromisso com o diálogo está ao lado do pensar crítico, do amor ao mundo e aos homens, do encontro dos que buscam em comunhão o conhecimento da fé nos homens e no seu poder de criação, da confiança, da relação horizontal e da ação e reflexão juntas. Nesse percurso é possível a transformação e humanização do mundo em que vivemos.

Considero que é ainda necessária a abertura de muitos espaços, como a Kinderland, para construir processos de diálogo com as crianças, sendo imprescindível perceber as crianças como sujeitos que possuem potencialidades singulares, que trazem desejos e vontades diferentes das que os adultos acham que sabem. Desejos esses diferentes da falta de liberdade que muitas vezes ocorre nos espaços em que estão presentes adultos e crianças, em uma relação empobrecida de troca, ausente de diálogo, de manifestações infantis, de afeto, e preenchida de controle das atitudes, dos corpos, dos silêncios em um regime disciplinar.

Nunes (2009) afirma que pensar em crianças e adultos nos remete a pensar a pluralidade, a lidar com as diferenças e a vê-las como marcas de nossa condição humana. O embate de diferentes maneiras de ver o mundo torna possível o diálogo e resulta no enriquecimento cultural. São as diferenças que apontam a pluralidade nas expressões das relações sociais, nos modos de vida e das múltiplas culturas.

Portanto, o contato entre as diferenças entre equipe e colonistas e entre os próprios colonistas é algo fundamental na temporada da Colônia. É importante ressaltar que esse contato deve ser acompanhado de diálogo, de escuta e de confiança para que possa existir uma educação crítica, em que se faça *com*, de maneira coletiva, unindo além da reflexão com a ação, as diferentes visões de mundo.

Durante os dias na Kinderland, a convivência comunitária é extremamente valorizada. Pensar no próximo, escutar o outro, negociar propostas, reivindicar direitos, sugerir mudanças, criar e recriar práticas estão presentes no cotidiano da Colônia. O colonista é visto como sujeito histórico, potente, ativo, como as reflexões trazidas por Corsaro (2005, 2011). É um espaço que valoriza as opiniões infantis, acredita na criança não como destinatário passivo de conhecimento e informações, e sim como sujeito que é capaz de modificar as práticas no seu entorno, de opinar, de agir, de refletir e de expressar o que compreende sobre o mundo.

A educação na Colônia é construída de forma coletiva e responsável com o mundo e com o outro, pensando sempre na formação humana, como afirmou Buber (2003). Essa educação é feita por meio do diálogo, da existência autêntica, verdadeira, ativa e reflexiva.

## 2.

### A Colônia de férias Kinderland

#### 2.1 Breve história da Kinderland

Após a Segunda Guerra Mundial, grande número de sobreviventes necessitava de ajuda, tinham perdido tudo que conseguiram ao longo de suas vidas. Com isso, várias entidades foram criadas por aqueles que conseguiram escapar da guerra e por outros que tinham o desejo de ajudar os refugiados a reencontrar suas famílias e reconstruir suas vidas.

Segundo Goldfeld (2007), durante a Segunda Guerra Mundial formaram-se no Rio de Janeiro alguns grupos (comitês) que auxiliavam as vítimas da guerra. A comunidade judaica da cidade do Rio teve um papel importante e criou um grupo denominado Comitê Hebreu-Brasileiro Pró-Vítimas da Guerra, que era um departamento israelita do Comitê Russo Pró-Vítimas da Guerra. Muitas mulheres judias progressistas se uniram aos russos com o intuito de auxiliar as vítimas da guerra na Rússia, realizando atividades como costura, ou buscando obter recursos e alimentos, que eram enviados através da Cruz Vermelha para distribuição entre os que haviam sobrevivido. Essas mulheres ajudavam as vítimas, não importando se eram judeus ou não, porém, ao final da guerra, ficou evidente o número excessivo de vítimas judias e, com isso, decidiram fazer um trabalho especificamente com os judeus, focando ainda mais nas crianças órfãs. Segundo o *Jornal Israelita* de 29/01/1948 (apud GOLDFELD, 2007), cerca de um milhão de crianças judias morreram na guerra e aproximadamente 160.000 órfãos precisavam urgentemente de ajuda.

Naquela época, ainda segundo Goldfeld (2007), ativistas visitavam o Brasil com o objetivo de estimular o trabalho de auxílio às vítimas, orientar os trabalhos iniciais da associação e esclarecer a respeito das atividades da organização na Europa. Assim, em 1947 já existia uma rede de mulheres em diferentes bairros do Rio de Janeiro, também vinculadas a outros estados, contribuindo financeiramente e buscando ajuda de



conhecidos. Essas mulheres iam a pé pelos bairros buscando auxílio, coletando recursos e roupas para os órfãos judeus da Europa.

Motivadas por seu grande senso humanitário, em agosto de 1947 foi fundada a inicialmente denominada Associação Feminina Israelita Brasileira de Auxílio à Infância Vítima da Guerra “Vita Kempner”<sup>1</sup>. Em novembro de 1953, foram acrescentadas no estatuto da instituição o desenvolvimento da atividade social, educacional, cultural e beneficente no Brasil a favor das crianças e da mulher judia, sustentando colônias de férias e clubes para as crianças (GOLDFELD, 2007).

Alguns anos antes do início dessa nova fase da Associação, em dezembro de 1949, realizaram a primeira colônia de férias, nomeada Colônia de férias Vita Kempner. Foram vinte e cinco dias de estadia gratuita para as crianças entre sete e doze anos com dificuldades econômicas, que seriam acompanhadas de orientadores e educadores, bem como acesso a cuidados médicos. Como ainda não tinham um espaço próprio (uma área da Associação), alugaram um hotel, durante os dias da Colônia, na cidade de Lindóia, em São Paulo. Foi realizada, então, a primeira Colônia de férias, com cerca de 60 crianças entre os meses de dezembro de 1949 e janeiro de 1950. Do Rio de Janeiro partiram vinte e cinco crianças de trem, e o restante partiu diretamente de São Paulo. A Colônia de Lindóia foi um grande sucesso, com dias de descanso, diversão e contato com a natureza (GOLDFELD, 2007).

No ano seguinte, a segunda edição da Colônia receberia inicialmente sessenta crianças, de sete a doze anos de idade. Essa Colônia ocorreu na cidade de Guararema, no estado de São Paulo, no Hotel Colli, e teve a presença de cento e cinquenta meninos e meninas, divididas em duas temporadas, uma no mês de janeiro de 1951 para as crianças de São Paulo, e outra do final do mês até a metade de fevereiro com as crianças do Rio de Janeiro.

Segundo informações retiradas do site da Kinderland<sup>2</sup>, o grande sucesso dessas primeiras experiências confirmou a necessidade de se

---

<sup>1</sup> O nome de Vita apareceu como uma homenagem a essa jovem judia que fugiu algumas vezes das mãos de nazistas ainda adolescente.

<sup>2</sup> [www.kinderland.com.br](http://www.kinderland.com.br)

obter um local próprio para a execução de novas temporadas nos próximos anos.

Em outubro de 1951 foi comprado o atual terreno da Kinderland em Sacra Família do Tinguá, que no verão de 1952 foi inaugurado com o primeiro grupo de jovens cariocas e de alguns mineiros, e mais tarde a segunda temporada de mais vinte dias com os paulistas. Apesar das precárias acomodações do lugar, foi realizada a primeira Colônia no sítio de Sacra com o atual nome, em Yiddish<sup>3</sup>, de Kinderland, que tem como significado terra da criança (kinder: criança; land – terra).

No ano de 1952, a instituição passou a se chamar Associação Feminina Israelita Brasileira (AFIB). As mulheres da AFIB dedicaram-se para as melhorias do sítio e novas construções, e a Colônia foi se tornando cada vez mais confortável para receber os colonistas.

Segundo Goldfeld (2007), a partir de 1970, ativistas do sexo masculino começaram a atuar ainda mais junto à AFIB. Uma nova geração de ex-colonistas queria fazer parte das atividades e, em 1988, o estatuto da AFIB foi reformulado e a Associação assumiu a denominação de Kinderland, que contava com a ajuda de ativistas de ambos os sexos que se empenhavam na organização da Colônia de Férias.

Ao longo dos anos até os dias atuais novas pessoas foram surgindo: ex-colonistas, que vivenciaram a Colônia, declararam interesse em colaborar e participar; foi criada a Comissão Pedagógica e o principal grupo da administração, a Diretoria. No Rio de Janeiro, a sede se localiza na Associação Scholem Aleichem de Cultura e Recreação (ASA), no bairro de Botafogo, zona sul da cidade. O terreno vem passando por inúmeras melhorias e cresce a cada ano o número de colonistas e membros da equipe que querem fazer parte desse grupo. Seguindo o mesmo caminho percorrido pelas mulheres da AFIB, a Kinderland promove atualmente projetos sociais anuais com a participação da equipe de monitores das temporadas.

---

<sup>3</sup> O Yiddish foi uma língua adotada, predominantemente, por judeus da Europa Central e Oriental, constituída pelo alemão, hebraico e as línguas eslavas.

Apesar das obras e mudanças na estrutura do terreno e das transformações em relação a algumas práticas durante as temporadas, das alterações no número de dias de Colônia e na participação de diferentes pessoas, existem aspectos que nunca mudaram: a importância dada à convivência em grupo, o contato com a natureza, a democracia exercida tanto por membros da equipe quanto por colonistas, o desenvolvimento e exploração da criatividade e, o mais importante, o espírito de colônia.

## **2.2 A rotina na Colônia, sua estrutura e as relações existentes**

Em cada temporada viajam aproximadamente cento e cinquenta crianças com uma equipe de monitores, auxiliares, instrutores, coordenadores e um médico (por volta de trinta adultos integrantes na equipe). As crianças são instaladas em dois pavilhões, um masculino e um feminino. Em cada pavilhão há seis quartos, dois banheiros e um espaço externo com varal e tanques. Em cada quarto há um monitor/monitora junto das crianças que dormem naquele quarto. Além disso, alguns auxiliares também dormem nos pavilhões para apoiar as crianças e seus monitores.

A Kinderland possui um amplo terreno que é cortado por uma pequena estrada de terra. De um lado ficam os pavilhões masculinos e femininos, um galpão com armários de arte, bancos e um palco e cortinas. Além disso, é lá que há a mais famosa voz da Colônia: a Rádio, sobre a qual explicarei mais adiante. Descendo para a parte mais baixa do terreno, existe uma ampla varanda, chamada por todos de varandão, onde ficam grandes armários com livros vindos de doações de colonistas, pais e outros colaboradores da Colônia. Há também um tanque, facilitando e tornando possível a organização de atividades de artes.

Na frente dessa varanda, fica a duplinha, nome dado a esse espaço por conta do jogo homônimo. Na duplinha há uma trave de futebol e um campo grande, palco das mais acirradas disputas de taco. Perto desse espaço, uma área nova com arquibancadas, banheiros recém-reformados, uma área com mesas de pingue-pongue (que também é novidade) e um amplo refeitório com uma cozinha industrial. Atrás do refeitório, um pomar e dois canis e próximo à entrada da Colônia, uma casa, onde ficam a

enfermaria, os quartos da coordenação e instrutores das temporadas, e também a mais nova casa da equipe onde os monitores se reúnem para planejar as atividades do dia e interagir após as reuniões da noite.

Além desses locais, a piscina velha, uma área próxima ao pavilhão masculino onde ficava a piscina antes da construção da atual, que hoje fica do outro lado da Colônia, e também bancos e mesas espalhados pelo terreno. Duas dessas mesas foram nomeadas e são reconhecidas por todos: uma fica próxima ao galpão e é chamada de mesa do galpão, e a outra é conhecida como mesa do gongo. O gongo é tradicional na Colônia, sendo tocado sempre nas horas das refeições para avisar que a comida está servida.

Atravessando a estradinha de terra, chega-se à tradicional piscina, com alguns chuveiros e banheiros construídos recentemente. Atrás da piscina há um tablado onde os colonistas e monitores interagem, fazem pulseirinhas de nó e dançam ao som das músicas tradicionais da Colônia ou outras mais atuais. Próximo do tablado há uma quadra de vôlei na grama e um local onde os colonistas jogam taco quando é a hora da piscina (já que a “quadra oficial do taco” fica na duplinha, do outro lado da Kinderland).

Subindo uma grande rampa, chega-se à mais atual parede de escaladas, ao lado de outra novidade: a horta da Colônia. Ali perto também se situa o ginásio de esportes e um extenso campo de futebol apelidado de campão. Fazem parte do terreno da Kinderland diversas trilhas, como a do ventinho, a da cascatinha e a do laguinho, além da chamada Maloca, uma casa antiga que é tradicionalmente conhecida pelos colonistas como “mal-assombrada”.

Como já foi mencionado anteriormente, a Kinderland só se realiza no encontro de todos que por ela trabalham, com os colonistas que dão sentido a todo o trabalho, e nesses lugares e territórios cheios de significados. Durante todos esses anos, a rotina da Colônia sofreu algumas modificações, porém muitos momentos vivenciados há anos atrás continuam presentes no cotidiano das temporadas. Após descrever os espaços da Colônia, contarei um pouco da rotina.

Começamos o dia ao som da voz da Colônia: a Rádio, que fica dentro do galpão, em uma sala pequena com os aparelhos e microfone. É

o auxiliar de rádio que acorda a Colônia com o bordão “Bom dia Colônia!” e com músicas tradicionais de todos esses anos. Muitos participantes, quando questionados a respeito do que mais sentem falta da Kinderland, declararam que é acordar com as músicas de Colônia! Há uma pequena caixa de som em todos os quartos dos pavilhões, outra no varandão, uma próxima ao refeitório e mais uma no prédio da administração.

Ao acordarmos, descemos para tomar o café. Próximo ao refeitório, há um mural com a programação diária e vários anúncios com opções de oficinas e atividades diversificadas. Essas são as chamadas comissões que ocorrem diariamente na parte da tarde. É importante dizer que todas as refeições são feitas nos mesmos horários para todos os colonistas que são divididos em seis quartos masculinos e seis femininos, por ano escolar e idade, e também pela relação de afinidade que já trazem do Rio de Janeiro com alguns colonistas. Porém, a proposta é sempre incentivar a troca entre crianças que não se conhecem para assim ampliarem as suas vivências. Os quartos vão do 1F/1M até o 6F/6M, sendo o 1 o quarto com colonistas mais novos e o F ou M indicando se o quarto é feminino ou masculino. O prédio da administração abriga o médico, coordenadores e instrutores. Geralmente estão presentes nas temporadas os instrutores de artes, música, trilha, natureza e teatro, porém como não podemos levar muitos por conta do espaço de acomodação e a parte financeira, já que esses instrutores são remunerados, em cada temporada há um conjunto diferente de instrutores.

Após o café da manhã, em que cada grupo de colonistas tomam café em uma mesa com os seus companheiros de quarto e monitor, vamos todos para o Hasteamento, momento em que cada quarto (que tem um nome inventado pelo grupo) canta o seu hino. Além dos hinos do presente ano, também são lembrados hinos antigos e músicas que marcaram a história da Colônia. Ao final do Hasteamento toda a Colônia canta o hino da Kinderland de mãos dadas valorizando mais uma vez o espírito de colônia e o sentimento de coletividade que aquele lugar nos traz.

Após o Hasteamento há a Grande Atividade. Nesse momento, cada quarto se reúne para fazer alguma atividade escolhida pelos colonistas durante o Grupo Operativo do dia anterior, o qual será explicado mais

adiante. Os quartos costumam convidar outros quartos para fazerem uma atividade em conjunto. Após a Grande Atividade é hora do lanche com o famoso e tradicional mate com espuminha, e seguimos para a piscina com muita música, futebol, taco, vôlei, brincadeiras na água, frescobol, tirolesa e grande interação entre toda a Colônia. Na hora da piscina todos ficam reunidos do outro lado do terreno, onde tem a piscina, o ginásio e o campão. Esta é uma forma de reunir toda a Colônia para propiciar maior troca e também visando a segurança, já que sabemos que todos os colonistas estão reunidos com a equipe, diferente de outros momentos em que estão espalhados pela Colônia.

Terminada a primeira piscina do dia, vamos todos para o almoço. É importante dizer que os grupos de colonistas de um mesmo quarto só entram no refeitório para almoçar ou jantar quando estiverem todos presentes, ou seja, com todos os seus componentes presentes. Após o almoço cada colonista retira o seu prato e caneca da mesa e coloca a sua caneca em uma bacia. Já sem fome, é hora de um período marcante e muito tradicional desde meados dos anos 1970: o G.O (Grupo Operativo) – momento em que os quartos se reúnem junto de seus monitores para conversar sobre as relações dos colonistas do quarto, avaliar as atividades da temporada da Colônia, a organização do espaço, tratar sobre temas relevantes de interesse dos colonistas e do monitor. É nesse momento também que se planeja a Grande Atividade do dia seguinte (que ocorre pela manhã): os colonistas combinam uma atividade pensada por eles ou também sugerida pelo monitor e podem convidar outro(s) quarto(s) para participar. É um período de negociações, pois nem sempre todos concordam com a mesma atividade. Futebol, Handebol, pulseirinha de linha, trilhas e caminhadas, futebol de sabão, jogos na piscina, taco, pintura e confecção de camisetas são alguns dos exemplos de atividades escolhidas para esse momento.

Após o G.O. é hora do descanso, momento em que alguns colonistas dormem, outros interagem com crianças de outros quartos, alguns aproveitam para arrumar os armários e lavar as roupas nos tanques do varal, mas a grande maioria escreve cartas. Durante as temporadas não é permitido o uso do celular pelos colonistas. Na coordenação há um telefone

para situações de emergência, mas o objetivo é a convivência em grupo e o contato direto com a natureza na Kinderland. As crianças se comunicam através de cartas com seus pais, que também recebem notícias pelo blog, atualizado diariamente pela coordenação contando sobre o dia e mostrando algumas fotos. Esse recurso começou em 2001 com o intuito de tranquilizar os pais com notícias da temporada.

Em seguida, é o momento da comissão. Algumas têm vagas limitadas por conta do material ou da organização da atividade e todas são oferecidas pelos membros da equipe, monitores, auxiliares e instrutores. As inscrições para essas comissões ocorrem após a piscina da manhã e antes do almoço. Trilhas, terrários, desenhos e pinturas em locais tranquilos acompanhados de lindas paisagens, atividades de artes em geral, esportivas, caminhadas para a cidade próxima de Sacra Família, atividades de música, percussão, pulseirinha de nó, tererê são alguns exemplos de comissões oferecidas durante as temporadas. É um momento em que as crianças podem procurar aquilo que mais lhes interessa, desenvolvendo sua criatividade e autonomia.

Já aconteceu de um colonista querer oferecer uma comissão para outros colonistas, e isso foi possível. Existe abertura para mudanças na rotina da Colônia, pois escutamos os pedidos das crianças, seus interesses e desejos e sempre vemos as possibilidades de modificação. Apesar dos horários serem determinados para maior organização, principalmente na hora das refeições para os funcionários da cozinha prepararem tudo, há muita flexibilidade. Se a piscina está ótima e com os colonistas aproveitando muito, podemos modificar um pouco o horário e estender o momento da piscina para que possam aproveitar ainda mais. Ou se faz frio no final da tarde, no momento da segunda piscina, podemos trocar o horário da comissão para a piscina acontecer mais cedo, logo após o descanso.

Segundo Corsaro (2011), a participação da rotina possibilita o aprendizado de um conjunto de regras previsíveis que oferecem segurança e o entendimento de estarem inseridas em um grupo social. “As rotinas servem como âncoras que permitem que os atores sociais lidem com a problemática, o inesperado e as ambiguidades, mantendo-se

confortavelmente no confinamento amigável da vida cotidiana. ” (CORSARO, 2011, p. 32). Entretanto, essas ações podem também se tornar uma tecnologia de alienação quando desconsideramos o ritmo, a participação, a fruição e a relação com o mundo, tornando-se apenas uma sucessão de eventos prescritos, ocorrendo o vivido sem sentido (BARBOSA, 2006).

Pensando no que Corsaro (2011) e Barbosa (2006) discutem sobre a rotina, apesar da importância dessa organização por oferece maior segurança para os sujeitos envolvidos nas temporadas, é necessário evitar o engessamento e apenas o cumprimento de ações impostas sem nenhuma relação com a experiência do presente. Deste modo, há sempre possibilidade de mudanças no planejamento, e de maior conexão com o aqui e agora da Colônia, bem como de exploração e potência da criação dos colonistas. É possível deixar de fazer algumas atividades para dar lugar para outros eventos que naquele momento parecem compor e sintonizar mais na proposta e no cotidiano da Kinderland.

Continuando com a rotina da Colônia, após as comissões vem um lanche apreciado e elogiado por muitos colonistas: pão com manteiga quentinho! Seguimos para a segunda piscina do dia, à tarde, e nesse momento o ginásio e campão costumam ter sempre partidas de futebol ou handebol. Após a piscina, geralmente ocorre uma atividade curta e coletiva, envolvendo toda a Colônia. Em seguida, todos para o banho nos pavilhões, e depois o jantar.

Dependendo da temporada, a Comissão Executiva é realizada antes ou depois do jantar. Esse é um momento que passou por fases difíceis de pouca adesão durante alguns anos, porém, nos últimos anos vem ganhando destaque, força e relevância por parte da equipe e dos colonistas. Na Comissão Executiva, um representante de cada quarto (combinado durante o G.O do quarto) se reúne com os auxiliares de coordenação para discutir a grande atividade do dia seguinte. Cada colonista sempre leva duas opções de atividades combinadas no quarto, pois se algum quarto já tiver escolhido a mesma atividade ou o mesmo local eles podem optar pela segunda opção. Há negociações feitas na relação colonista/colonista e auxiliar/colonista.



Além disso, esse é um momento em que todos podem falar sobre algum problema do cotidiano que esteja acontecendo no pavilhão ou na Colônia e que gostariam de modificar, ou tratar sobre temas diversos que se relacionam com o cotidiano da Kinderland. A Comissão Executiva geralmente é repleta de momentos dialógicos e de interação entre colonistas de quartos/idades diferentes, porém ainda precisamos pensar mais a respeito da organização desse momento que vem crescendo e ganhando maior importância aos poucos.

No final da noite a atividade que eu, enquanto colonista, mais esperava: a noitada! Antes, reunimos todos os colonistas no galpão para a Hora da Rádio, o momento em que há apresentações preparadas e ensaiadas durante as comissões de teatro, música ou dança, por exemplo, ou também esquetes e programações organizadas pela equipe e pelos colonistas e ainda, show de talentos. Por volta das oito e meia a noitada é apresentada - uma atividade para toda a Colônia que dura até perto da hora de dormir. Após a noitada, o lanche da noite, e todos sobem para descansar, exceto os membros da equipe que voltam para o refeitório para avaliação do dia e planejamento das atividades que serão propostas no dia seguinte.

O dia a dia da Colônia é intenso, carregado de atividades culturais, corridas, circuitos, caça ao tesouro, detetive, entre tantas outras que são inventadas e reinventadas a cada ano. Há atividades e programações tradicionais na Colônia como a gincana de duplas, show dos quartos e as famosas Kinderlíadas onde a Colônia para por dois dias. Nesta última, todos os colonistas são organizados em quatro grupos e combinam juntos nome do time, bandeira, mascote e hino. A Kinderland vira palco de inúmeras competições iniciando com a abertura ensaiada pela equipe, que emociona os colonistas.

Os princípios da Colônia são vividos no cotidiano, nas relações entre colonistas, equipe e funcionários. Os gestos de cuidado e respeito com o próximo são extremamente valorizados, além do incentivo à autonomia, desde a escolha na hora da inscrição das comissões até a organização do quarto e a retirada dos pratos e canecas da mesa. É assim que a Kinderland vai comunicando a sua proposta humana: é na delicadeza dos abraços, na

sutileza dos atos e nas brincadeiras que a Colônia vai tecendo a sua história.

Enfim, a Kinderland reúne pessoas de diversas gerações e essa é uma das características da Colônia. A mistura de idades contribui para, ao mesmo tempo manter a tradição Kinderland, mas também ser palco de mudanças e transformações ao longo dos anos. A conexão com a realidade e com a atualidade é importante, a relação com a experiência de vida, com a vivência do presente fazem parte da Colônia, mas um dos fatores mais especiais da Kinderland é a sua história.

Como dito anteriormente, é uma colônia judaica e a sua criação está estreitamente vinculada ao Pós-Guerra e a todas as marcas desumanas e atrocidades deixadas na história. Talvez por isso a Kinderland ofereça tanto amor, humanidade, solidariedade e incentive o trabalho em equipe, a vivência grupal e o respeito às diferenças individuais. Apesar de judaica, a Colônia recebe também crianças não judias, assim há um maior contato com o que é diferente, com valores, histórias e culturas distintas. Segundo Kramer (1998), é por conta do conhecimento universal que poderemos fugir do isolamento, da perda da humanidade e do estreitamento das relações. Dessa forma, penso que a Kinderland, ao incentivar a solidariedade, o respeito às diferenças, a integração entre diferentes culturas e a formação da consciência coletiva colabora e contribui para o processo de humanização do mundo.

### 3.

## **Memórias de uma colonista...**

### **3.1 Caixinha de memórias**

Escrever sobre a história e a proposta da Colônia de férias Kinderland, suas práticas e valores, é também encontrar com a minha história, cruzar com o meu percurso e trajetória nesse lugar. Grande parte da minha infância foi vivenciada nesse espaço e, ao falar da Kinderland, lembranças vivas, guardadas com carinho, retornam à superfície da memória com muita força. Convivência, partilha, empatia, troca, respeito às diferenças foram alguns dos valores que a Colônia foi me ensinando aos poucos. A cada temporada de janeiro, (re)encontrava crianças vindas de diferentes lugares, com histórias de vida distintas, relações e laços anteriormente construídos na Colônia, e também colonistas que lá chegavam com o olhar atento e surpreso, sem nunca antes terem viajado para a Kinderland.

Durante as temporadas era possível construir vínculos fortes, ter contato com diferentes visões de mundo, pessoas das mais diversas idades (desde colonistas daquela turma até a equipe de monitores, auxiliares, instrutores, coordenadores, médico e funcionários), a troca sempre foi um marco da Kinderland. A relação de maneira comunitária durante tantos dias possibilitava a ampliação da nossa rede de relações e encontros. Era como se a cada dia confeccionássemos alguns nós, repletos de linhas, elaborados por pessoas diferentes, feito de forma artesanal, de pouco a pouco, com cuidado, clareza, delicadeza e ao mesmo tempo força, trabalhado a várias mãos. Com o tempo, essa rede se fortalecia, se expandia, se desenvolvia, fazendo com que cada sujeito envolvido nesse processo levasse consigo, internamente, uma parte da rede para casa.

Antes de escrever este último capítulo, tive vontade de procurar a minha sacola da Kinderland, uma bagagem rica de experiências vividas durante todos esses anos na Colônia. Desde o primeiro ano que fui para a Colônia, em 1999, guardo cartas recebidas pelos meus pais e familiares,

desenhos produzidos durante os dias que lá estive, recados e bilhetes escritos pelas minhas amigas de quarto e monitoras, hinos e músicas tradicionais da Kinderland - que anotava ao longo de cada temporada no momento do descanso, após o G.O.- , fotos do espaço da Colônia e dos colonistas, pulseirinhas de linha confeccionadas nas comissões, cartas carinhosas produzidas pelas minhas colonistas quando eu já era monitora, pastas com apostilas de atividades e cadernos com as divisões dos quartos da Colônia quando eu já era coordenadora... Enfim, começou com pastas empilhadas em um cantinho do armário e hoje já tenho uma sacola grande onde guardo todas essas memórias.

Ao abrir essa sacola encontrei uma caixinha com uma etiqueta: “Kinderland’s – cartas/diplomas/desenhos/hinos/fotos – colonista”. É uma caixinha em que guardo apenas as lembranças de quando eu era colonista, deixando as recordações como integrante da equipe nas pastas. Foi nessa caixinha que encontrei as cartas dos meus familiares, hinos e gritos de guerra das temporadas, desenhos, e tantas outras lembranças da infância nesse lugar. Passei uma manhã remexendo essa caixinha, acionando a minha sensibilidade, explorando os sentimentos que estavam guardados em mim. Chorei e me emocionei ao ler as cartas escritas pelos meus pais, dando notícias do Rio de Janeiro e declarando o quanto estavam com saudades, mas que era para eu aproveitar ao máximo esses dias na Kinderland. Em quase todas as cartas pediam para eu mandar beijos para as minhas amigas de quarto, e senti que até a carta, apesar de ser pessoal e endereçada a um colonista, tinha também algo de coletivo. Lembrei que sempre que recebíamos as cartas, após a leitura, o choro de saudades e a comemoração, felizes pelo contato, nos abraçávamos e trocávamos as nossas cartas para que todas pudessem ler.

Assim que abri a caixinha encontrei um papel todo colorido e pintado por mim mesma, escrito com letras grandes “Kinderland”, em um fundo azul recortado em formato de nuvem e com algumas palavras menores em volta da palavra maior. Essas palavras chamaram a minha atenção: “união, férias, juventude, felicidade, amizade, emoção, saudade, diversão, respeito, experiência, lar, animação e fraternidade”. Não lembro exatamente a idade que eu tinha ao fazer esse desenho, acho que já devia

ter por volta dos meus treze anos e já tinha vivido muitos momentos na Colônia, já havia elaborado e refletido sobre a importância desse espaço na minha vida. A partir dessas palavras, das fotos e lembranças rememoradas ao abrir essa caixa, pensei em alguns momentos que ficaram marcados durante a época em que fui colonista.

### **3.2 Lembranças narradas**

#### A chegada

A viagem de ônibus do Rio de Janeiro até a Kinderland dura em média duas horas e meia. Esse percurso de ida era sempre feito com muita animação, todos conversando, perguntando os nomes, que escola cada um estudava, se era a primeira vez que iria à Colônia, se já conhecia o lugar, qual era o nome do quarto, o hino, o nome do monitor ou da monitora... eram muitas perguntas! A interação já tinha início antes mesmo de chegarmos ao espaço da Kinderland.

Quando saíamos da rodovia asfaltada e virávamos na estrada de terra com uma pequena placa “Estrada Velha de Morro Azul – Colônia de férias Kinderland” já sabíamos que nosso destino se aproximava. Nesse exato momento sempre alguém começava a cantar o hino da Colônia - “Kinder, Kinderland, oê oá, entre as colônias a maior oê oê, igual não há...” -, e assim continuávamos até o ônibus estacionar na Kinderland. Até mesmo aqueles que tinham ficado enjoados durante a viagem com as curvas da serra esqueciam do percalço e cantavam junto.

Chegando na Kinderland, descíamos do ônibus ansiosos e correndo para pisar em terra firme e sentir que estávamos de fato naquele lugar. Antes de pegarmos as nossas malas, íamos todos para a piscina dar o famoso abraço. Já tradicional na Colônia, o abraço na piscina acontece sempre no momento em que chegamos. Todos os colonistas e integrantes da equipe se reúnem em volta da piscina dando as mãos e recebendo as boas-vindas. Nesse momento a coordenação se apresenta e os monitores animam os quartos pelos quais estarão responsáveis pelos próximos dias para cantarem os hinos e gritos de guerra.

Após o abraço, buscamos as nossas malas para subir para os pavilhões e conhecermos o quarto. Nesse momento, lembro que a ansiedade era grande, havia correria para pegar a cama de cima do beliche, ou para escolher um cantinho do quarto ou do armário que mais gostasse, afinal, eram muitos dias e essa seria a nossa nova casa. Já aconteceu de termos que negociar quem dormiria em cima e quem dormiria embaixo, pois às vezes não sobravam camas de cima para quem queria, então seria preciso revezar e no meio da temporada trocar de cama, deixando quem dormiu embaixo dormir em cima. Relembrando a chegada à Colônia fico pensando nos diálogos desse momento: *“Ju, vou dormir embaixo de você!”, “Rê, Bi, Dani, vamos dormir perto!”, “Pega uma cama para mim!”, “Nosso quarto é o perto do banheiro! Guardei um armário para você!”, “Troca comigo? Não gosto de dormir perto da janela”*.

Sorrio com essas recordações. Saboreio pouco a pouco as memórias que vão surgindo enquanto escrevo este texto. A chegada à Colônia era algo repleto de significados. Apesar de se localizar a aproximadamente duas horas da cidade do Rio de Janeiro parecia que tínhamos mudado de planeta. Televisão, telefones, barulho de buzinas, ruas, calçadas, lojas, notícias de jornal, tudo isso era deixado de lado. Até o carro era estranho: mal passavam automóveis na estradinha que corta a Colônia.

Após deixarmos nossas malas nos quartos, já colocávamos o biquíni – menos aqueles que já saíam de suas casas vestidos para a Colônia, de biquíni por baixo da roupa e toalha na mochila. Quando todas estavam prontas descíamos do pavilhão para ir até o outro lado da Colônia: era hora da piscina!

No caminho, passávamos pelo refeitório que já estava com o lanche servido. Além das frutas e biscoitos, bebíamos o famoso mate com espuminha nas tradicionais canecas laranja e bege de plástico. Na rádio tocava as “músicas de Kinderland”, como chamávamos aquelas músicas que lá ouvimos pela primeira vez e que tocavam em todos os anos: “Mestre Jonas”, de Sá, Rodrix e Guarabyra, “Linda Juventude”, do 14 Bis, “Calhambeque”, de Roberto Carlos, “Eu nasci há dez mil anos atrás”, de

Raul Seixas eram somente algumas do repertório de músicas que nos remetiam aos dias na Colônia. Enfim, estávamos na Kinderland!

### Jantares temáticos

Em algumas noites, tínhamos jantares temáticos. O tema era exposto no mural junto das comissões que seriam oferecidas naquele dia. Ao acordarmos e descermos para o café da manhã sempre olhávamos o mural que fica ao lado do refeitório e era lá que víamos se naquela noite o jantar seria temático. Preto e branco, anos 60, havaiano, clássicos artistas de cinema, eram alguns dos temas propostos pela equipe. Com frequência escutávamos músicas inspiradas no tema do jantar que eram transmitidas pela nossa Rádio durante aquele dia.

Na noite de jantar temático, o pavilhão feminino sempre se atrasava um pouco após o banho. Arrumávamo-nos juntas, pedíamos emprestado para os outros quartos femininos roupas e adereços, era um troca-troca e praticamente um desfile de fantasias. Ninguém ficava sem roupa temática, íamos de quarto em quarto pedindo emprestado alguns objetos.

Antes de entrar no refeitório tirávamos muitas fotos (ainda com a máquina fotográfica de filme) com o desejo de deixar registrado aquele momento de partilha. Na fila para o jantar já começávamos a cantar nossos hinos e gritos de guerra, orgulhosas de nossos quartos, querendo mostrar para a Colônia a nossa força, identidade e união. As cantorias nas refeições eram muito presentes e a animação também, principalmente nesses jantares em que a surpresa e a novidade eram os temperos principais.

Atualmente, quando organizamos e planejamos as temporadas enquanto integrantes da equipe, compartilhamos nossas memórias para assim podermos oferecer e multiplicar para os colonistas aqueles momentos de que mais gostávamos. Os jantares temáticos é um assunto que retorna com frequência nas reuniões de formação de equipe. Coordenadores, monitores e auxiliares expressam o quanto gostavam desses jantares e o quanto as interações intensificam-se nessas noites.

### As interações durante as atividades

As interações entre os colonistas e monitores, os momentos de troca e contato com pessoas diferentes, as negociações para a escolha da grande atividade, as discussões no G.O., as conversas com as companheiras de quarto antes de dormir, o beijinho da monitora de boa noite, as músicas tradicionais de Colônia, as brincadeiras na piscina, as apresentações de dança que ensaiávamos na comissão, as trilhas da cascatinha e do ventinho e a customização das camisetas do quarto são apenas alguns dos momentos que relaciono intensamente às minhas memórias de colonista. Mas além delas, penso muito nas atividades que envolviam a colônia inteira, nas noitadas e nas grandes atividades coletivas. Eram principalmente nessas atividades que conhecíamos os colonistas e monitores de outros quartos, que ampliávamos nossa visão de mundo e desbravávamos o extenso terreno da Kinderland. As atividades eram estruturadas de muitas maneiras e com temas diversos que retratavam desde períodos e marcos históricos, passando por diferentes culturas, até chegar nos temas da atualidade.

Voltar para o Rio, abrir a mala e pegar uma sacola de roupa suja de tinta e lama já era tradição. Além disso, antes de ir pra Kinderland eu já arrumava a mala pensando nas roupas mais antigas que eu tinha, essas eram as famosas “roupas de Kinderland”, aquelas que mesmo muito velhas, eram guardadas durante o ano para serem usadas na Colônia.

Lembro que adorava participar das atividades coletivas de sujar e molhar. Mexer na tinta, pintar o rosto do outro, pular na lama gritando o nome do grupo, cantar embaixo do chuveiro próximo da piscina, me jogar em uma lona cheia de sabão, correr entre os cones e bambolês em um circuito feito no campão e depois deitar e rolar na grama são lembranças que retornam com força nesse momento. Na Colônia a nossa maior preocupação era aproveitar ao máximo cada dia, pois sempre passava muito rápido. Parecia que piscávamos os olhos e já estávamos no último dia.

Participei das temporadas da Colônia sempre em grupos de amigas que curtiam as atividades, estavam lá para aproveitar a programação organizada pela equipe e interessavam-se em conhecer novas pessoas e



convidar quartos diferentes para a hora da grande atividade. Isso certamente incentivou e contribuiu ainda mais para a minha participação plena em tantos momentos.

Ao encontrar na caixinha de memórias fotos antigas da Colônia, lembro de momentos como esses que aconteceram há cerca de quinze anos e que, apesar do tempo, retornam com clareza à memória. As fotos revelam cenas preenchidas de intensidade, cuidado, dinamismo, amor, carinho, exaltação, gritaria, emoção e muita vida. Ao ver fotos de grupos de colonistas das mais diversas idades que chegavam ao final de uma noite juntos e felizes por terem achado o tesouro, por terem descoberto e desvendado o mistério de uma atividade de detetive, ou por terem passado por todas as bases e completado aquele circuito em equipe, penso nos colonistas que conheci por meio desses grupos nas atividades e nos contatos que tenho até hoje. Assim, sinto que a proposta da Colônia de convivência comunitária, do incentivo ao trabalho em equipe, de respeitar o outro e valorizar as interações sempre estiveram presentes no cotidiano da Kinderland.

### Saudade

Ah, a saudade! Palavra muito presente no cotidiano da Colônia. Durante o ano, sentíamos saudade das trocas com os colonistas, daquela ansiedade para saber o quarto e a monitora, saudade da hora da piscina, das atividades, do mate com espuminha e do pão do lanche da tarde. Saudade de acordar com as músicas de Colônia, de conviver diariamente com tanta gente, com tanta troca, com tanto afeto. Porém, quando estávamos em contato com tudo isso na Kinderland a saudade não terminava, pois era hora de sentir saudade da nossa casa também.

Nas reuniões de equipe da turma dos colonistas mais novos, saudade sempre é um tema importante e muito debatido. Como são crianças menores, ficar treze dias longe dos pais e de suas maiores referências, às vezes é muito difícil. Ao falar desse tema sempre me identifico muito, pois a saudade de casa e dos meus pais era algo muito presente em todas as temporadas enquanto colonista.

A primeira vez que fui para a Kinderland tinha oito anos. Naquela época, a Colônia durava quinze dias e isso me assustava um pouco, porém estava decidida que era isso que gostaria de fazer nas férias.

Fiquei sabendo da Kinderland através de uma amiga muito próxima da escola, que me incentivou a ir, pois a sua mãe já tinha traçado uma história bonita na Colônia como colonista e monitora anos antes. Acreditei que aquele seria um bom lugar para eu me divertir e conhecer novas pessoas. Meus pais pesquisaram a respeito da Colônia, conversaram com a mãe dessa amiga e também perceberam na Kinderland um ambiente de respeito que proporcionava momentos diferentes do que eu experienciava no Rio durante o ano. O contato com a natureza e a valorização da coletividade conquistaram meus pais, que embarcaram comigo nesse desafio.

Em 1999, no meu primeiro ano, perdi as contas de quantas vezes eu chorei de saudade. A hora de dormir era sempre difícil, às vezes eu chorava e pensava comigo mesma o quanto eu queria estar com meus pais, entretanto, ao mesmo tempo, eu também sentia que estava gostando muito daquela colônia de férias e ir embora me deixaria com saudade daquele lugar. Era muita contradição.

Apesar de chorar em tantas temporadas, não me lembro de ter decidido ou expressado em algum desses momentos o desejo de voltar para casa, o choro já era uma maneira de dissipar esse sentimento que estava preso dentro de mim. Nesses momentos de chororô os abraços vinham como uma luva: os monitores e os próprios colonistas cuidavam com carinho de quem sentia muita saudade de casa. O sentimento de tristeza, a vontade de chorar e o desejo de ficar, às vezes, um pouco sozinha, eram muito respeitados e acolhidos. Eu sentia uma preocupação, um cuidado, uma relação responsiva, como Buber (2003) afirma. Relação essa de resposta a uma demanda minha, a um apelo. Era, de fato, uma relação responsável, de inteireza, de presença, de afeto, de abertura, de totalidade e de muita escuta. Lembro com carinho desses momentos, que se repetiam a cada temporada e sempre eram acompanhados de muito cuidado.

Atualmente, quando viajo para a Kinderland e me deparo com uma criança saudosa de casa sento para conversar, escutar e contar também a minha história. Todas elas sempre olham com surpresa em ver que uma atual coordenadora já chorou de saudade de casa e que, apesar disso, voltou tantas vezes para a Kinderland. Essas conversas acabam, frequentemente, com muitos abraços, sorrisos e confidências. Tornamo-nos mais próximos e saboreamos essa relação.

Com relações tão amorosas era muito possível aproveitar os dias de maneira prazerosa, de ultrapassar entraves como esses em que me fortaleciam, me davam segurança e me deixava extremamente feliz em poder chegar até o final de cada temporada.

Chego ao final deste capítulo emocionada com as cenas que foram revelando-se em minha memória. Chorar de saudade de casa e chegar no último dia de Colônia e chorar por não querer ir embora demonstra bem como são as emoções durante uma temporada. A contradição é muito presente. Os sentimentos são intensos, verdadeiros e geralmente bem expressivos. Como abordei na introdução, a Kinderland acontece em um tempo ambíguo. Calma, intensidade, tranquilidade e potência são fundamentais. Cada momento representa uma multiplicidade de sentidos. Lá, a comunicação é feita de forma presente, olho no olho, no toque, no sorriso ou até nas lágrimas. As relações são inteiras, nada fragmentadas e esvaziadas, pelo contrário, são completamente preenchidas de afetos, de tudo que pulsa e que faz de nós seres, de fato, humanos.

#### 4.

### **Considerações finais**

As minhas memórias de colonista e os meus relatos sobre a prática que ocorre na Colônia de férias Kinderland revelam uma infância participativa. As relações existentes nesse espaço, as atividades, a relevância dada à participação infantil, a escuta sensível aos sentimentos das crianças, e o respeito aos seus direitos e desejos relacionam-se à concepção de infância e ao olhar cuidadoso e respeitoso que tanto conversamos e debatemos nas aulas do Curso da Especialização em Educação Infantil da PUC-Rio.

Defendo a ideia de que as crianças são sujeitos produtores de cultura, históricos, competentes e ativos. Essa concepção de criança reconhece o que é específico da infância e compreende as crianças como cidadãs, que transformam o grupo social que estão inseridas e possuem um olhar crítico que deve ser levado em consideração. Essa especificidade da infância abarca o seu poder de imaginação, fantasia e criação (KRAMER, 2011).

Portanto, uma educação que respeita essa concepção vai de encontro a uma prática humana, que traz consigo o incentivo e a valorização de atitudes solidárias, cooperativas, respeitosas e repletas de cuidado. Vejo a Kinderland, em minhas lembranças de infância, como um espaço que cultiva práticas que caminham nessa direção e, assim, contribui para um mundo mais humanizado, com pessoas que reconhecem a existência e desejos do outro, veem esse como ser humano que possui suas particularidades e desejos, os valorizando. Além disso, por meio dessa relação cuidadosa e respeitosa abre-se a possibilidade de conhecer o outro em sua inteireza, de interessar-se pelos percursos distintos daqueles que traçamos, de ter o contato com a diversidade e a amplidão desse mundo.

Ao recordar momentos enquanto colonista na Kinderland pude sentir o quanto essas práticas contribuíram para a minha formação humana, sensível e reflexiva. Nesse espaço me conectei com diversas possibilidades e visões que nunca havia conhecido. Descobri pessoas muito diferentes de mim, participei de momentos em que minhas opiniões eram escutadas e valorizadas, cresci e me desenvolvi de forma mais segura acreditando no meu potencial.

Foi na Kinderland que descobri que quando a cigarra canta é porque provavelmente o sol vai brilhar no dia seguinte, ouvi pela primeira vez os sapos coaxando e depois de dias já reconhecia e sabia que estavam por perto só pelo som. Foi lá que conheci com surpresa o bicho-pau e vi sem acreditar que aquele pedaço de galho tinha vida. Percorri diversas trilhas, senti cheirinho de mato molhado que guardo na memória até hoje e toda vez que sinto esse mesmo cheiro já sei que está chovendo, mesmo sem olhar para a janela. Caminhei pela mata, comi chuchu pela primeira vez, conheci os funcionários que lá trabalhavam e que tenho contato até os dias de hoje. Descobri que existem cidades muito pequenas e que existe muito mundo além da nossa cidade grande e acelerada.

Rolei na grama, desci sentada em uma trilha cheia de lama feito escorrega (o famoso Zum Zum), e mergulhei em um lago próximo da Colônia que infelizmente atualmente secou e que não existe mais. Na Colônia aprendi a lavar roupas sujas no tanque na hora do descanso, andei dias de pés descalços, feliz por estar sentindo de fato aquela experiência.

Lembro que a primeira vez que levei máquina fotográfica para a Colônia, em 2002, gastei dois filmes de 36 fotos só fotografando os espaços da Colônia para chegar em casa e, depois de reveladas, mostrar aos meus pais aquele lugar que tanto falava. Talvez fosse mais uma forma de guardar na memória as recordações daquele pedaço de terra.

Enfim, ao chegar nessa etapa da produção da monografia penso que não acabarei com um ponto final, nem com uma conclusão, pois continuaremos tecendo essa história dia a dia. Além disso, darei continuidade a essa escrita na Dissertação de Mestrado em que poderei revelar as memórias e narrativas de outras pessoas que também construíram os seus caminhos pela Colônia. Entrevistarei crianças que

frequentam, atualmente, a Kinderland e também adultos que já frequentaram, com o objetivo de conhecer as histórias e relatos dessas pessoas e trazer suas memórias, narrativas e práticas nesse lugar. Durante as entrevistas e observações da temporada da turma dos mais novos em janeiro de 2017, entrarei em contato com diferentes perspectivas e experiências e assim será possível compreender se a Colônia está conseguindo fazer, de fato, o que as suas propostas afirmam.

Nesta monografia escrevi sobre a minha vivência que foi extremamente positiva, mas investigando outras recordações e observando com um olhar de pesquisadora e estranhamento, poderei perceber possíveis ambiguidades e lacunas existentes nesse processo.

A Kinderland faz parte da minha vida há anos e por isso será necessário um exercício de estranhamento de um campo que para mim é tão familiar.

*“O processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos e situações.” (VELHO, 1978, p. 12).*

Além de Velho (1978), outro autor que aborda este tema é Erickson (1986). Ele afirma que é preciso que o familiar se converta em estranho e o lugar comum e já conhecido em problemático. Assim, constituindo aos poucos um olhar de estranhamento, será possível documentar o que não está documentado, o que não é oficial, e chegar muito além da superficialidade da história. Por meio desta pesquisa, narrativas significativas poderão ser reveladas sobre a experiência de ser criança na Colônia de férias Kinderland.

Para Benjamin (1993), é preciso rememorar, rompendo com a superficialidade da história oficial e tornando visíveis histórias que podiam nunca ter sido contadas. A prática da entrevista revela narrativas importantes para o grupo em que o entrevistado está inserido e para o próprio entrevistado, que se torna ator social ativo naquela pesquisa, produtor de cultura, competente e, de fato, participante daquele campo. Além disso, ainda segundo Benjamin (1993), a memória é uma maneira de transmissão de saber e, poder entrar em contato com ela, remexer nas

histórias antigas, nas lembranças e recordações revela, além da história do entrevistado e o período da infância na Kinderland, outros detalhes para a história da própria Colônia.

Por isso penso em entrevistar, além das crianças, adultos ex-colonistas que passaram as suas infâncias na Kinderland e também trabalharam pela Colônia, cuidando de outras crianças e movimentando o ciclo de gerações deste lugar. “A entrevista recupera a trajetória do sujeito e, ao mesmo tempo, insere e abre um novo espaço ou um espaço para o novo na própria história de cada um” (KRAMER, 2001, p. 177). Dessa forma, crianças e adultos serão narradores das experiências vivenciadas na Kinderland e poderão, através de suas narrativas, dar continuidade à história da Colônia revelando a experiência de ser criança neste lugar. A rememoração possibilita um diálogo com o passado, mas também com o presente, permitindo um agir sobre o presente (BENJAMIN, 1993). Assim, ressalto a importância das entrevistas com os adultos que já vivenciaram práticas nesse espaço, pois a partir dessas narrativas e rememorações será possível contribuir com a história da Kinderland.

Através das relações estabelecidas na Colônia e das práticas cotidianas vivenciadas nesse lugar relacionadas com a sua forte história e seus princípios, se constitui uma experiência singular da infância e do ser criança em um espaço de valorização dos desejos infantis.

Seguimos tecendo essa história de uma maneira ativa, cuidadosa e, principalmente, coletiva.

## 5.

**Referências bibliográficas**

BARBOSA, M. C. S. O que são mesmo as rotinas? In: **Por amor e por força. Rotinas na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas. Volume I. 5. Ed. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993

BUBER, M. **Eu e tu**. São Paulo: Centauro, 2003.

CORSARO, W. A. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educação e sociedade**, v. 26, n. 91, p. 443-464, 2005.

CORSARO, W. A. **Sociologia da Infância-2**. Penso Editora, 2011.

ERICKSON, F. Qualitative research on teaching. In: Wittrock, M. **Handbook of research on teaching**. New York: MacMillan, 1986.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GOLDFELD, M. S. **Senhoras progressistas e uma terra de crianças: a história da criação da Associação Israelita Brasileira (1947) e da colônia de férias Kinderland (1952)**. Rio de Janeiro: o autor, 2007.

KRAMER, S. O que é básico na escola básica? Contribuições para o debate sobre o papel da escola na vida social e na cultura. In: **Kramer, S. e Leite, M.I. Infância e Produção Cultural**. Campinas: Papirus, 1998.

KRAMER, S. Infância e educação: o necessário caminho de trabalhar contra a barbárie. In: **KRAMER, S.; LEITE, M. I.; NUNES, M. F. e GUIMARÃES, D. Infância e Educação Infantil**. São Paulo: Papirus, 1999.

KRAMER, S. Propostas pedagógicas ou curriculares da Educação Infantil: para retomar o debate. In: **KRAMER, S. (Org.). Relatório de pesquisa “Formação dos profissionais de educação infantil no estado do Rio de Janeiro”**, 2001.

KRAMER, S. Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie. In: **BAZÍLIO, L. C. e KRAMER, S. Infância, Educação e Direitos Humanos**. São Paulo: Cortez, 2011.

KRAMER, S. et al. Encontros e desencontros de crianças e adultos na Educação Infantil: uma análise a partir de Martin Buber. **Pro-Posições** [online]. 2016, vol.27, n.2, pp.135-154. ISSN 1980-6248. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1980-6248-2014-0113>>, acesso em set. 2016.



NUNES, M. F. R. Educação infantil: instituições, funções e propostas. **Educação infantil: cotidiano e políticas**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, p. 33-48, 2009.

PENA, A. CASTRO, L. e CASTRO e SOUZA, M. “Quem falar vai sentar no chão frio!” – coação, comunhão, liberdade e formação na educação infantil: uma análise a partir da filosofia de Martin Buber. ENDIPE, 2014.

SANTIAGO, M. B. N.; RÖHR, F. **Formação e diálogo nos discursos de Martin Buber**. Caxambu: Trabalho apresentado na 29ª Reunião Anual da Anped, 2006. Disponível em: <<http://29reuniao.anped.org.br>>, acesso em mai. 2016.

VELHO, G. Observando o Familiar. In: **NUNES, E. O. de. A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.